

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

"Cessem os ecos e surjam as vozes". (Tomaz de Aquino Toledo, in memoriam)

Nº177 - ANO XXX - INVERNO DE 2022

Ut omnes unum sint



QUAL É O SEU DEUS?

Resolvi hoje mexer num vespeiro que está ativo e muito vivo nos debates e comentários da atualidade e também nas redes sociais e anti-sociais. Então, pergunto a você, caríssimo leitor do Echus: Qual é o seu deus?

Li alguns textos sobre esta pertinente interrogação, já que em nossos dias multiplicaram-se as vozes de "autoridades" sobre este pertinente assunto da Pós-Modernidade, ora em questão.

Levantei assim algumas das várias visões ou respostas como também possibilidades passadas e presentes, agradáveis e/ou desagradáveis, orientadoras e/ou perturbadoras, todas pondo em xeque nossas crenças.

Qual é, afinal, o seu deus?



Joaquim Benedicto de Oliveira*

Aquele do Antigo Testamento, que fulminava com um raio o pobre coitado que quisesse proteger a Arca da Aliança ameaçada de ir ao chão?

Aquele do Novo Testamento que perdoava as falhas humanas e compartilhava o vinho na festa de casamento do amigo?

Aquele que esteve sempre ao lado dos Senhores que eram contra a maioria do povo e dos escravos?

Aquele que, nos idos de 1964 era invocado contra a ameaça mundial do comunismo e a quem rezavam nas ruas as senhoras católicas?

Aquele que estava ao lado do Cardeal do Rio de Janeiro, que era o mesmo que marchava ao lado dos militares e da imprensa?

Aquele que recebia as preces do arcebispo de Olinda e Recife, pedindo liberdade e paz para todos os brasileiros?

Aquele que foi bradado para desculpar torturadores?

Aquele que, hoje em dia, é colocado acima de todos, menos de um que o requer para se livrar da futura prisão?

Aquele que é fiel a quem progride na vida, torna-se rico e é proclamado como responsável por sua prosperidade, justificada sempre por um salmo bíblico?

Aquele do padre Júlio, que reproduz a voz franciscana do Papa do Aqui e Agora?

Aquele que vocifera cobras e lagartos em pregações malafaianas?

Aquele que ensina pastores como fazer para pedir mais cedo os parcos recursos financeiros de tantos pobres periféricos?

Aquele que decide se um pênalti seja convertido em gol ou não?

Aquele que entra em campo e ajuda certos atacantes a fazerem um gol, mesmo sem querer?

Aquele que foi humanizado por Jesus e apresentado a nós como Pai?

Então, prezado leitor, vivemos um belíssimo tempo quando podemos escolher o deus que queremos, em nome da liberdade de expressão e de opinião?

Podemos, então, formatar o deus de que precisamos para sustentar nossa condição individual?

Será que estamos atingindo o ponto máximo da evolução humana quando a grana do um por cento mais rico poderia acabar com a fome no mundo?

Será que deus está do lado desse um por cento de felizes proprietários e donos do planeta?

De quem esperamos respostas? Dos teólogos? Dos filósofos? Dos políticos?

Ou ninguém mais tem autoridade para definir quem é deus e quem somos nós?

Decida, Leitor!

JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA (Qüimm, Quinzinho) , 50/56, 84 é doutor em literatura brasileira. Suas teses de mestrado e doutorado são: "A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo" e "O trabalhador como tema e personagem em romances brasileiros da década de 1930". Aposentou-se pela PUC-SP após mais de 40 anos de trabalho e milhares de alunos como amantíssimo professor de Literaturas Brasileira e Portuguesa 11 99339-3092 joka.oliveira@uol.com.br S.Paulo-SP

ORAÇÃO INTER-RELIGIOSA

Espaço marcado por entrelaçamento entre poesia e mística. Por meio de orações de mestres espirituais de diferentes religiões, mergulha-se no Mistério que é a absoluta transcendência e a absoluta proximidade.

INVERNO

Cecília Meirelles*

Choveu tanto sobre o teu peito
que as flores não podem estar vivas
e os passos perderam a força
de buscar estradas antigas.

Em muita noite houve esperanças
abrindo as asas sobre as ondas.
Mas o vento era tão terrível!
Mas as águas eram tão longas!

Pode ser que o sol se levante
sobre as tuas mãos sem vontade
e encontres as coisas perdidas
na sombra em que as abandonaste.

Mas quem virá com as mãos brilhantes
trazendo o seu beijo e o teu nome,
para que saibas que és tu mesmo,
e reconheças o teu sonho?

A primavera foi tão clara
que se viram novas estrelas,
e soaram no cristal dos mares
lábios azuis de outras sereias.

Vieram, por ti, músicas límpidas,
trançando sons de ouro e de seda.
Mas teus ouvidos noutro mundo
desalteravam sua sede.

Cresceram prados ondulantes
e o céu desenhou novos sonhos,
e houve muitas alegorias
navegando entre Deus e os homens.

Mas tu estavas de olhos fechados
prendendo o tempo em teu sorriso.
E em tua vida a primavera
não pôde achar nenhum motivo...

Viagem, 1938

*Cecília Meirelles - (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1901 - Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1964) Foi escritora, jornalista, professora e pintora, considerada uma das mais importantes poetisas do Brasil. Embora sua obra apresente características simbolistas, destacou-se na segunda fase do Modernismo no Brasil no grupo de poetisas que consolidaram a poesia dos '30. A poesia escolhida, Inverno, foi publicada na obra poética de Cecília Meirelles, Editora Nova Aguilar, 1985, na página 94 e 95.

Fonte de ideias: Instituto Humanitas Unisinos - Prof. Doutor Faustino Teixeira

TIRINHA do Armandinho



A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vós comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrario era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil para um só grande.

Padre Antônio Vieira, 1654
Sermão de Santo Antônio aos Peixes
pregado na cidade de São Luiz do Maranhão



Seu nome é Gislene, Gislene Carvalho, uma ibateana.

Há quem não conheça o escritor Dalton Trevisan, o *Vampiro de Curitiba*?? Sempre é tempo para uma boa literatura! E existem muitos outros...

Microconto - o próprio nome diz - é uma espécie de conto muito pequeno. Ele tem sido associado ao **Minimalismo**, cujo ponto chave é o desapego de tudo o que for excessivo, daquilo que estiver sobrando. Por exemplo, se você tiver 20 camisas e utiliza 10, o melhor que pode fazer é doar essas outras 10 para alguém que precisa, ficando com muito menos e coisas entulhadas, abrindo espaços livres em sua espremida casa e também abrindo portas e janelas para que coisas novas aconteçam em sua vida. Por isso, é frequente encontrar a criação denominada microconto, texto com muito poucas palavras... pouquíssimas letras, até. É uma postura existencial, de filosofia, de localização no mundo. Sua concepção é que estas poucas palavras apresentem um contexto e uma ação ao redor desse mínimo que é revelado. Sua função e riqueza é apenas sugerir e inspirar o leitor a preencher seus vazios, ocupar os espaços em branco da narrativa com sua própria imaginação e a entender a história que está por trás da história escrita.



"A interação do leitor com o texto se dá na medida em que este atua como pauta e tudo o que não diz ou silencia cria vazios que o forçam a interferir criadoramente no texto, a dialogar com ele, num ato de comunicação legítimo". (Regina Zilberman in *Estética da Recepção e História da Literatura*. S.Paulo, Ética, 1989).



Exemplos históricos desse modo conciso de escrever, desses retratos de "pedaços da vida" não faltam em todos os continentes. Um dos autores de microcontos mais famosos é o guatemalteco, **Augusto Monterroso**. São trinta e sete letras: Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá. Uma frase como essa equivale à aplicação de um soro fisiológico direto na artéria, capaz de reidratar todas as células de seu organismo, liquidando sua

sonolência, produzindo nitidez em seus olhos; seu cérebro funcionará magistralmente; seu espírito se abrirá ao mundo. Um segundo exemplo, mas que equivale a um choque de 150.000W com um *Teser* - e sua imaginação vai a 1.000, deixando-o abismado, mas com tudo funcionando - vem das mãos do escritor norte-americano **Ernest Hemingway** que, com apenas vinte e seis letras, elenca toda uma história de tragédia familiar: Vende-se um par de sapatos de bebê. Nunca usados. É *punto e basta*, como diz o italiano.

Quem sai ganhando é o leitor, figura fundamental e imprescindível, que fica livre para apreciar a obra segundo sua vontade. Uma leitura rasa transformaria os contos em frases vazias. Os microcontos sempre trabalham com narrações inteiras subentendidas em pequenos contextos e ações que dependem da super-interpretação do leitor. Alimentam-se de imaginação humana imaculada.

Dalton Trevisan (D.N. 14.06.1925) é um dos escritores brasileiros mais aclamados pela crítica, tendo lançado 25 livros, dentre eles, o tão famoso *O Vampiro de Curitiba* (1965), a maioria de narrativas curtas, dentre eles *Ah, é?* (1994), considerado o ponto de partida do microconto em seu formato contemporâneo.

O Ibaté conta com uma representante do universo do microconto, modalidade que a teoria literária ainda não reconheceu propriamente como um gênero, mas sabemos que chegará lá. O Echus do Ibaté teve a honra de participar em 07.05 último do lançamento de sua terceira obra. Escrevera *Lembranças feitas à mão e Tic-Tac*. E agora nos surge o *Artaxerxes e outras feras - microcontos* (Ed. Simbiose). Seu nome é GISELENE CARVALHO, digníssima esposa do amigo ibateano Roberto Delgado de Carvalho, 57/59. Trata-se de uma coleção de 28 microcontos que fala algo bastante significativo, mas em poucas palavras, sobre animais estimados, animais que amamos todos os dias, "... verdadeiros pingos de ouro na vida de tantas pessoas queridas, principalmente na minha", afirma a autora.



Em destaque, três microcontos de Gislene:

- **ARTAXERXES** - Não sabia o que fazer com o gatinho que ganhara de presente. Morava com o avô que não gostava de bichos. Com ajuda da Luizinha, escondeu o bichinho na área de serviço. Até o dia em que o encontrou no escritório, no colo do avô.

- **DE MURANO** - Uma cadela e quatro filhotinhos. Frágeis. Saíram do Adriático, cruzaram o Mediterrâneo e o Atlântico. Perderam patinhas e quebraram perninhas. Guardados numa caixinha, eram apenas lembranças in vitro.

- **DESLUMBRAMENTO** - Anos 1950. Era sua primeira viagem de caminhão com o pai. Ao entrar na ponte estreita, ele desligou o motor e, com um sinal, pediu-lhe silêncio, apontando para a direita. O enorme tamanduá-bandeira estava lá, banhado pelo sol.

Que entrem em contato direto com Gislene ou Roberto (Telefone e WhatsApp 11 99631.4733 ou 99204.2246) os amigos que desejem conhecer de perto essa encantadora obra. (K)

O EXCESSO DE INFORMAÇÃO PROVOCA AMNÉSIA



Umberto Eco*

{Recorte de entrevista em Milão para o jornalista *Luíz Antônio Giron* (Revista *Época* 31.12.2011). O escritor e semiólogo italiano diz que a internet é perigosa para o ignorante e útil para o sábio, porque ela não filtra o conhecimento e congestiona a memória do usuário.}

Apesar da evolução, o senhor vê a internet como um perigo para o saber? A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. A Wikipédia presta um desserviço ao internauta. Outro dia publicaram fofocas a meu respeito, e tive de intervir e corrigir os erros e absurdos. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar. Vamos tomar como exemplo o ditador e líder romano Júlio César e como os historiadores antigos trataram dele. Todos dizem que foi importante, porque alterou a história. Os cronistas romanos só citam sua mulher, Calpúrnia, porque esteve ao lado de César. Nada se sabe sobre a viuvez de Calpúrnia. Se costurou, dedicou-se à educação ou seja lá o que for. Hoje, na internet, Júlio César e Calpúrnia têm a mesma importância. Ora, isso não é conhecimento.

Mas o conhecimento está se tornando mais acessível com a internet. O senhor não acha que o acesso a bancos de dados de instituições confiáveis altera nossa noção de cultura? Sim, é verdade. Se você sabe quais os sites e bancos de dados que sejam confiáveis, você tem acesso ao conhecimento. Mas veja bem: você e eu somos ricos de conhecimento. Podemos aproveitar melhor a internet do que aquele pobre senhor que está comprando salame na feira aí em frente. Nesse sentido, a televisão era útil para o ignorante, porque selecionava a informação de que ele poderia precisar, ainda que informação idiota. A internet é perigosa para o ignorante, porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece - e sabe onde está o conhecimento. A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes.

Há uma solução para o excesso de informação? Seria preciso criar uma teoria da filtragem. Uma disciplina prática, baseada na experimentação cotidiana com a internet. Fica aí uma sugestão para as universidades: elaborar uma teoria e uma ferramenta de filtragem que funcionem para o bem do conhecimento. Conhecer é filtrar.

***UMBERTO ECO** (Alexandria, 5 de janeiro de 1932 - Milão, 19 de fevereiro de 2016), foi um escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano de fama internacional.



PEDIDO

O sol entra por minha janela
com uma tonalidade amarela.
Quisera que ela fosse vermelha
e aquecesse com sua centelha,
meu corpo, meus pés, minhas mãos
e iluminasse com luz intensa
minha alma inquieta e meu coração
e me desse uma alegria imensa.
Mas a estação é do frio, é inverno
e o sol passa além do horizonte.
Não quero os vapores do averno,
quero apenas senti-lo na fronte
e que traga um pouco mais de calor.
Chega mais perto, ó estrela do céu, por favor.

Valdevino Soares de Oliveira, 59/63

Homenagem ao Pai

Prezados leitores,

Fruto de inspirações e sublimes conexões, cerca de 20 ex-alunos do Seminário de São Roque, de diversas turmas, e vários coligados foram convidados e dispuseram-se a expressar sua afeição, amor, gratidão e reconhecimento, cada um a seu próprio pai. Esta é uma homenagem ao pai... ao dia dos pais, que de fato sempre é comemorado no segundo domingo do mês de agosto. Na presente edição, *Inverno-2022*, antecipamos com essa deferência - e o mês de agosto não passará em branco.

O *Echus do Ibaté* agradece e parabeniza todos os participantes - quem dera fossem mais! - , e se orgulha de conseguir oferecer-lhes este precioso espaço, o que muito nos honra, pois torna possível atender à necessidade de maior contato e proximidade, a própria lembrança e reavivamento desse sentimento. Participação essa que não deixa de ser um ato de coragem e desprendimento, por expor a público palavras que vêm direto do coração e que engendram muita alegria e prazer.



1 mês

Foi o tempo que meu pai levou prá chegar ao Estado de São Paulo, tendo saído de Rio de Contas, sertão da Bahia.

Entre caminhão e trem, dormia nos degraus da estação; o mundo fervia com a segunda grande guerra.

Antes de conhecer minha mãe, morou numa comunidade de agricultores japoneses - até aprendeu a falar japonês! - , em Osvaldo Cruz-SP, confinados por serem quintas-colunas. Presenciei longas conversas com o japonês da farmácia.

Com o dinheiro ganho por seu trabalho nessa comunidade, veio para São Paulo-SP.

Aqui começou como aprendiz de pintor de parede, casou-se com a minha mãe e se tornou dono de uma empresa de manutenção e pintura com 100 empregados. Era a única organização encarregada da manutenção e pintura da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas aconteceu que um de seus engenheiros foi preso pela ditadura. O pai ficou muito transtornado e resolveu abandonar esse trabalho.

Foram anos muito difíceis para nossa família. Na época, eu era seminarista no Ibaté.

Hoje acordei pensando em meu pai, que estaria próximo dos 100 anos...

Revirei meus arquivos de fotos e ao examinar cada uma delas, percebi que realmente muita coisa mudou de lá prá cá. Mas permanecem inalterados esse mesmo amor, seus exemplos e a admiração que sempre senti por Seu Francisco - hoje, até maior. Tudo isso acrescido de muita saudade. Oh, meu pai, quanta falta você me faz!

{JONES NADIR GAMA, 69/70 a seu pai, Francisco Gama. S.Paulo-SP}



CARTA AO PAI

Uma palavra: saudades.

Quantas vezes nos lembramos de você com seu jeito firme de inculcar em nós seus filhos os ensinamentos sobre dever e responsabilidade? Nem sempre aproveitamos o tempo que tínhamos para conversar e curtir sua presença paternal conosco, já que você trabalhara tanto para sustentar os 5 filhos e assim somente quando você se foi é que demos pela sua ausência e houve momentos em que foi muito sentida, no meu caso principalmente no nascimento de meu 2o. filho. Tenho certeza que o Senhor o acolheu de braços abertos e hoje por nós intercede junto a Ele.

{JOSÉ ÉCIO PEREIRA DA COSTA JÚNIOR., 63/65 carta a seu pai - Curitiba-PR}



Pai, Alfredo Barbieri,

Tudo que eu faça ou fale ainda é muito pouco para demonstrar meu amor e minha gratidão por tudo que fez e faz por mim!

Você é meu exemplo de vida, minha fortaleza, dono de um caráter inigualável, de uma paciência divina e de fé inabalável.

Que a sua força, sua integridade e sua dedicação e paciência continuem firmes, assim como o sorriso iluminado estampado no rosto e a alegria contagiante de viver.

Que Deus o abençoe com vida longa, muita saúde, ilumine sua caminhada, renove suas forças e o proteja

de todo mal.

Te amo sempre e tanto!

{ALESSANDRA BARBIERI, a seu pai o ex-aluno Sr. Alfredo Barbieri, 49/53 - Taubaté-SP}



Meu querido pai,
Não há palavras que possam exprimir com exatidão as saudades e a gratidão que no íntimo guardo. Sua memória é imperecível. Lembranças inesquecíveis, ensinamentos sábios, bondades, cuidados, escritos, poesias, música e literatura, tudo está guardado dentro e fora de mim. As vibrações amorosas de todos nós, filhos e netos, certamente, não de alcançar seu espírito, nas célicas campinas, onde você, agora, em paz descansa. Grato sou ao Senhor da Vida por me permitir o privilégio de tê-lo com Pai.
{TITO MARCONDES JR., 1956, a seu pai - São José do Rio Preto-SP}

A seguir, veja e ouça uma música de que muito me orgulho, composição de sua autoria, gravada em LP de 1971:

PRETA VELHA

(Tito Marcondes)

*Preta véia tá rezando pro sinhozinho vivê,
meu sinhô São Benedito, venho pedi prá vancê,
Eu sou mãe de fio branco, vi o patrãozinho nascê,
Mãe Maria tá chorando, sinhô moço vai morrê.*

*Mãe Maria, que tristeza vendo saí o caxão,
morreu sem vê preta véia, sinhô moço era tão bão.
Preta véia tá sozinha na triste separação,
meu sinhô, console a mágoa deste pobre coração.*

*A mãe preta tá descrente, sinhô moço era seu bem,
da saudade que ela sente, ficô doente também.
Mãe Maria tá sozinha neste mundo sem ninguém,
Deus levou meu fio branco, preta véia vai também.*

Link para ser assistida à interpretação com a dupla Tonico & Tinoco
Gravação em LP datada de 1971

<https://www.youtube.com/watch?v=KgWSGJmyb3Q>
{TITO MARCONDES JR., 1956, a seu pai - São José do Rio Preto-SP}



PARA NOSSO PAI, SR. ANIBAL DRAGO,
OBRIGADO PAI,

pela sua presença em toda a nossa vida. Quando você esteve fisicamente e também agora que está espiritualmente conosco.

Aprendi com os povos africanos que os mais velhos continuam existindo para nos orientar e nunca nos deixam, sempre contando as suas histórias, que moldam o nosso caráter. Enviando mensagens pelos nossos sonhos.

Sentimos você presente a cada momento, velando pelos nossos passos e nos protegendo, sem tirar a nossa liberdade.

Como você sempre fez e sempre nos disse “faça aquilo que seu coração manda, estarei sempre do seu lado, nosso amor é incondicional”.

Quantas lembranças e quantos carinhos. Sempre que eu aguentava, ficava acordado para ver você entrar no quarto e carinhosamente dar um beijo de boa noite.

Pela manhã, acordava com o seu despertador para poder sentir o carinho do seu beijo de bom dia, se despedindo para o trabalho.

Como era prazeroso esperar no portão você chegar no final do dia, sempre com um largo sorriso, um abraço e beijo gostoso! Às quintas-feiras tinha sempre uma revistinha que era muito esperada. Você nunca esquecia de trazê-las.

Aos sábados e domingos ao lado da vitrola, ouvíamos músicas com você, andávamos de bicicleta pelo bairro e jogávamos futebol na rua com os nossos vizinhos. Você sempre junto.

Como era gostoso adormecer ouvindo a sua voz contando a mesma história infinitamente sem se cansar, só porque queríamos estar com você e nos sentirmos únicos naquele momento, dignos de sua atenção.

Foi assim que nos moldou com tudo aquilo que um ser humano precisa: cuidado e amor. A única herança que vale a pena. Somos o que somos, porque você foi o que foi e continua sendo com sua presença virtual.

Obrigado por ter amado tanto a sua mulher, nossa mãe, e por consequência a sua linda família!

Continuamos juntos e percebemos você nos nossos filhos, seus netos, e nos nossos netos seus bisnetos.

O amor nos une, pois é incondicional!

Obrigado por estar sempre conosco.

Pelos seus filhos, Pedro.

{PEDRO ANÍBAL DRAGO, carta a seu pai Sr. Aníbal Drago - S.Paulo-SP}



Pai, você foi e sempre será eterno em meu coração.
Falar de você é muito fácil, pois foi dedicado a nós, seus filhos, um pai que muitos gostariam ter.
Sou grata a Deus por tido você por perto durante anos....
Te amarei eternamente, Pai ...
{REGIANE BARONI, carta a seu pai, o ex-aluno Clóvis Baroni, 53/58, Santo André-SP}



Affonso Augusto,
Ah!!! meu pai Affonso!!! Raiz mineira e tronco forte, onde Deus Pai enxertou minha vida humana e cristã.
Carinhoso com a esposa e filhos, foi o grande incentivador de minha vocação sacerdotal. Tirava férias em setembro para semear e plantar a roça, para a "criação" e para a família.
Vicentino ativo, os primeiros frutos eram para seus "assistidos". Terço diário e católico praticante. Adoeceu cedo e já aposentado; o "derrame" não lhe tirou a lucidez, e balbuciava, me antevendo aos pés do altar: ...
"Pe. Getúlio... Pe. Getúlio Vieira... Pe. Getúlio." E cerrava levemente os olhos e sorria como num sonho real.

Com apenas 67 anos, voltou ao Coração de Deus. Sua vida, seus atos, pautaram minhas ações.
Saudades e uma imensa árvore com dezenas de galhos fortes e saudáveis frutos. Te amo, paizinho!
{GETÚLIO VIEIRA, CÔN. (Pegê) 58/61, carta a seu pai, Sr. Affonso Augusto - S.Paulo-SP}



Oswaldo Palmeira Maia, o Sr Maia, do crediário da Mesbla, onde trabalhou por 42 anos. O Poderoso Chefão da Família Maia, homem íntegro, honesto, brincalhão, adorava bandas marciais, circo e era um corintiano dos mais fanáticos.
Seu espírito de criança vem da data de seu aniversário 12/10, bem como sua devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Sempre tive orgulho de ser seu filho e sempre procurei copiar suas virtudes.

Felizmente, por ter perdido meu emprego, pude acompanhá-lo nos últimos dois anos de sua vida, proporcionando-lhe toda assistência e companheirismo, conseguindo desse modo devolver-lhe tudo o que com ele aprendi e vivi estando junto a ele, permanecendo com constância e esperança a seu lado, antes que viesse a se transformar numa estrelinha no céu.

Obrigado, meu querido pai por ter me ensinado como dirigir uma família!
Apesar da distância, te amei, te amo e sempre te amarei por toda minha vida.
Seu filho Arnaldo
{ARNALDO MAIA, 63/65 a seu pai, Sr. Oswaldo Palmeira Maia - S.Paulo-SP}



Pai,
Amanhã é aniversário de mamãe, sua dedicada e fiel companheira por mais de sessenta anos!
Necessariamente lembrei-me dela e de você. Sempre compartilhamos um afeto imenso. Tínhamos gostos idênticos. Sua última e muda mensagem porém selou de forma indelével esse amor mútuo.
Estava no escritório de Planejamento, quando um funcionário da área de Estatística me chama para uma ligação telefônica.
- É seu pai, diz-me ele.

- Meu pai ?

Corro ao telefone. Está mudo... O funcionário me confirma que uma pessoa de idade se identificou como meu pai. Desesperado, sabendo-o internado num hospital, ligo para minha casa. Meu filho caçula atende.

- Filho, alguém daí me ligou ?

- Não, pai, ninguém daqui lhe ligou, mas a mamãe quer falar com o senhor.

- O seu pai acabou de falecer, diz-me ela.

Caio em prantos. Apenas minha esposa tinha o meu telefone de serviço para uma emergência.

Retorno às pressas para minha casa. Quem afinal me ligou?

Era imenso o afeto que nutríamos um pelo outro. Tínhamos gostos semelhantes e amávamos estar juntos para um bom papo. Hoje tenho certeza, pai, de ter sido sua essa despedida especial com que me aquinhoou. Amo-o ainda, meu velho, curtindo saudades suas. Um dia nos reencontraremos. Até lá, meu pai!

{ANTONIO JURANDYR AMADI, 51/57 a seu pai Sr. Arlindo Amadi - Itupeva-SP}

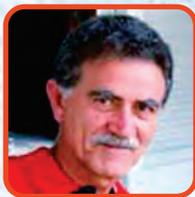


Caro Pai!

Sempre que, na roda de chimarrão da família, estendas teu braço alcançando a cuia com o olhar sorridente e simpático, sentíamos-nos perante um altar. Gratidão, Pai por este inesquecível, indelével gesto gravado em nosso Coração!

Ítalo

{ITALO MAIOLI (GAUCHO), 52/53. carta a seu pai, Sr. Napoleão Maioli - São Leopoldo, RS}



Ode a meu pai

Pai. Você foi e sempre será a luz que ilumina o meu caminho. Você foi e sempre será aquele que, com seu exemplo, sua simplicidade, sua retidão de caráter e conduta, soube incutir e arraigar em mim os princípios da honestidade, da justiça, a fé em Deus. Você me abriu a mente para lutar por um mundo mais humano, mais igualitário, mais verdadeiro. Você foi o responsável pelo meu desenvolvimento integral no seio da sociedade.

Você me ensinou a respeitar os mais velhos, a valorizar o trabalho desde cedo, e a priorizar o banco escolar.

Ensinou-me a amar e cuidar da natureza, dos pássaros, dos animais, dos recursos naturais. Você me iniciou no universo sublime da arte musical. Enfim, você foi e sempre será meu baluarte, minha bússola, meu porto seguro. Você me faz muita falta, cara! {ROVIRSO APARECIDO BOLDO, 64/69 em carta a seu pai, Sr. João Boldo. São Paulo-SP}



Meu amado Papitoco,

Parabéns pelo dia dos Pais! Está aí mais uma de suas grandes qualidades - ser PAI! Como sou grata por ter você ao meu lado nesta longa estrada da vida! Sempre pronto para me socorrer, para me dar conselhos, para ouvir com paciência quando preciso. Meu pilar! Desde que vim ao mundo, cuida de mim com tanto amor e zelo. Não poderia ser mais abençoada. Agradeço todos os dias a Deus por ser sua filha. Te admiro por tantas qualidades que tem. Não caberiam todas aqui e dentre minhas preferidas estão suas histórias, contadas por você, seja da sua infância, do seminário, do banco, dos tempos passados. Quanta cultura!

Antes falava que você era minha enciclopédia, com o tempo, passei a falar que você é meu Google ou até meu HD externo. Que privilégio o meu! Mas tenho bons concorrentes: minhas irmãs, Paula e Thais, seus netos, Michael, Alexander, Amanda, Giovanna, Isabela, Gabriela, seu bisneto, Breno, os genros, Luiz, Marcus e Etenário... até os cachorrinhos da família têm predileção por você.

Obrigada, pai, pela vida feliz! Te amo.

Da sua filha, Nanuca Biluca.

{ANA CAROLINA TOSCHI, carta a seu pai, o ex-aluno Sr. Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi, 1949/53 - São Paulo-SP}



Constantino e Silvano eram irmãos, filhos de Benedicto. No início da década de 60, Constantino, já reitor, reuniu-se na casa da família em Helvetia, com Silvano, atacadista de cereais, para contratar o fornecimento de arroz, feijão e outros gêneros alimentícios para o seminário de São Roque. A premissa básica da negociação foi ditada por Benedicto: venda a preço de custo. E assim foi feito. Durante vários anos, Silvano e seus motoristas vinham com os caminhões lotados de mercadorias negociadas nos mais longínquos lugares do Brasil para abastecer as centenas de bocas do seminário.

Silvano foi parte incógnita dos bastidores da história do Seminário do Ibaté. Silvano foi pai de João Bosco (1961/64) e de Luiz Gonzaga (1962/63). Silvano foi meu pai.

Nós três fizemos parte dos 95% de alunos do Ibaté que só comeram o feijão da Santa Madre Igreja e não se tornaram padres. Nós três, porém, fomos os únicos que lá comeram o feijão que nosso pai com muito suor carregou.

{DOMINGOS SÁVIO AMSTALDEN, 64/69, carta a seu pai, Silvano Amstalden, Campinas-SP}



O MEU IBATÉ

Não sei dizer quando surgiu a vontade de conhecer o Seminário de São Roque. Brinco que foi de tanto ouvir as trilhas sonoras do Antonio Correa, que meu pai comprava o CD e nos dava de presente e ouvíamos com muita frequência.

Mas, na verdade, acho que foi quando os papéis de pai e filha foram se trocando e a gente vai querendo saber mais da história de nossos pais, tentando preencher certas lacunas de conhecimento.

E percebi que pouco sabia do seminário, além de que o banho era no chuveiro frio (um trauma que meu pai levou até o fim da sua vida). Sempre tive muito orgulho da formação religiosa do meu pai. Gostava de

contar que ele foi ainda menino para o seminário de São Roque, o que lhe deu uma sólida formação religiosa e também a chance de estudar. Órfão de pai, se ficasse na vila operária dos Matarazzos, seu futuro seria muito diferente.

Mas como era este lugar que foi um divisor de águas na sua vida? Comecei a pedir para visitar e a brincar que poderíamos ir cedo e, antes, subir o Morro do Saboo - alguns anos atrás, ele se preparou para esta escalada, fizemos algumas deliciosas caminhadas juntos para melhorar o seu condicionamento, e ele curtiu muito. Foi quando soube que o seminário agora era uma casa de repouso, que as visitas precisam ser organizadas.

Combinamos que eu iria no próximo encontro - em alguma data no outono de 2019. Mas o destino sabe ser cruel em alguns momentos. Meu pai se desequilibrou em uma escada sem o devido corrimão e veio a falecer desta queda em julho de 2019, uma semana antes de completar 81 anos.

E com a sua partida, partiu-se também o plano de visitar o seminário. Já tentei voltar algumas vezes, mas faltou coragem.

Minha vontade é fazer um convite coletivo a cada um de vocês: conseguem me levar para São Roque e me contar as melhores histórias de Walter Barelli?

A memória afetiva agradece (e a veia de jornalistas também...)

Suzana Barelli

{SUZANA BARELLI, carta a seu pai, o ex-aluno Walter Barelli, 51/56, S.Paulo-SP}



É, meu pai, muita coisa mudou por aqui, mas parece que continua tudo do mesmo jeito. Eu, que não era, me torne pai também, e seu neto parece comigo, que pareço com o senhor... Por muito tempo lamentei vocês dois não terem se conhecido. Mas, finalmente, entendi que sou a ponte capaz de uni-los e, de quebra, posso reviver uma porção de coisa boa. Sempre conto sobre o amigo do rei que se foi embora prá Pasárgada. Sei que o rei tem outro amigo, mas para mim, o senhor será sempre o mais dileto. Te amo, meu pai!

{**JOSÉ HENRIQUE GERMANO**, carta a seu pai, o ex-aluno Sr. José Maria Garcia Germano, 50/55. S. Paulo-SP}



Sampa, 11 de junho de 2022

Oi, pai, tudo bão?

Sonhei com você uns meses atrás. Foi quando Biel (seu bisneto) internou. Sei que veio para ajudá-lo, obrigado! Sabe pai, sempre que cuido da minha família, lembro de você, os detalhes da organização, o amor pelos filhos de quatro patas, tudo isso me ensinou. Uma amiga disse que devemos transformar a dor e a saudade em boas lembranças, tenho as melhores a seu lado e um de meus maiores orgulhos é ter sido sua filha. Te amo muito demais da conta! De sua Paulucha preferida, rs.

{**MÁRCIA DA SILVA GERMANO**, carta a seu pai, o ex-aluno Sr. José Maria Garcia Germano, 50/55, S. Paulo-SP}



Estive recentemente e mais uma vez em Póvoa do Lanhoso, sua terra. Foi mais uma oportunidade de relembrar seus irmãos (que conheci lá, em 1986) e especialmente me lembrar do senhor. Recordações de muitos anos atrás, de minha infância, adolescência e até da fase adulta, de nossa convivência, enfim, em todas essas etapas de minha vida. Sua presença sempre foi extremamente marcante nas todas épocas em que estivemos juntos (meus filhos, os seus netos, também guardam boas lembranças do senhor).

Muito embora os tempos fossem outros - em que o relacionamento pais e filhos era muito diferente do que é hoje e também das dificuldades que o senhor enfrentou ao longo de sua vida -, o senhor conseguiu transferir para mim, seu filho, tudo que eu julgo importante que um filho transmita para seus filhos: (i) exemplo, (ii) princípios (honestidade, seriedade, trabalho sério, etc.) e (iii) possibilidade de estudar. Isso fez de mim o que sou hoje: um homem bem sucedido e em paz com minha consciência, com uma família bem estruturada, com esposa, filhos e netos maravilhosos (tenha a certeza que todos eles carregam os princípios que recebi do senhor).

OBRIGADO.

{**ANTÔNIO CARLOS DE FREITAS (Pixote)**, 60/63, carta ao pai, Sr. Joaquim da Silva Freitas - Marataízes-ES}



Me lembro até hoje - e lembrarei sempre - do dia em que vocês foram me buscar com uma linda boneca.

A partir daquele instante, comecei a te chamar de Pai: Meu Pai!

Obrigada por ter permitido de ser sua filha, por estar sempre em minha vida em todos os momentos mais felizes e também os tristes.

Sinto muito a sua falta, o seu carinho, os seus gritos, a sua sabedoria...

Obrigada por você ter permitido de ser avô das minhas filhas

Obrigada,

Paaaaai !!!

{**SILVANA CORAZZA LEAL** a seu pai, Darcy Corazza, ex-aluno de 1949/52 - Praia Grande-SP}



Meu querido Pai,

É verdade! Nossa relação nunca foi mil maravilhas, não era lá grande coisa. Havia muito sofrimento. Eu me lembro, eu me lembro. Houve muitas horas tristes; convivíamos junto a vários conflitos e muita coisa difícil houve entre nós! O senhor sabe de que estou falando, mas foi-nos possível nesses tempos conhecermo-nos um ao outro, verdadeira surpresa na vida. Tínhamos mesmo é que sobreviver. Mas tudo isso, o tempo depurou; nosso sangue foi filtrado e mesmo frente a dificuldades, conseguimos superar. É que em algum momento, consegui re-significar muitas de nossas vivências e acabei, enfim, reconhecendo sua real importância em minha vida e vice-versa. Veja que, se hoje eu toco minha vida buscando ao máximo ser honesto com as pessoas, tenha certeza de que foi com o senhor que aprendi ser assim. A mesma coisa acontece com a seriedade com que exerço meu trabalho e assumo responsabilidades sem titubeio algum: vejo aí com muita clareza a sua mão. Até escrever, cozinhar e procurar ser bem educado com as pessoas, desde os inícios, sempre pude contar com sua supervisão. E tantos foram os valores de dignidade e moral que o senhor me transmitiu! Eu não minto; também não sou tagarela, por exemplo, e isso veio a mim de seu espírito, de sua honestidade, o que faz com que hoje eu sinta que estou conseguindo progredir e me desenvolver... e também perceber estar tendo algum sucesso nesta minha vida. Tudo isso, aprendi com o senhor! E foi que apenas em minha vida adulta conseguimos viver com mais afinidade e proximidade, deixando de lado as desavenças, e assim passamos a conversar mais e mais, a nos gostar e respeitar reciprocamente. Foi nessa que descobri que eu o amo profundamente. Aliás, sempre agradeço a Deus pela sorte de tê-lo tido como pai. Ó, meu querido pai, como você me faz falta, sobretudo nesses momentos tão difíceis que vivemos! Esteja onde estiver, dê-me a sua bênção!

{**GILBERTO GONZAGA PEREIRA**, Piupiuzinho, 67/68 - Carta a seu pai. Caldas Novas-GO}



Vale a pena ler de novo...

ECHUS DO IBATÉ - 108 - Maio-Junho 2010

Aos meus amigos Gilberto Lucarts (Beta) e Claudino Pires IN MEMORIAM



Attilio Brunacci*

É verdade. Quando chega em minha casa o *Echus do Ibaté*, fico curioso de saber as notícias, ler os artigos, saborear as anedotas e trovas, a quais se superam a cada edição, ler os e-mails enviados... Sou da geração ibateense que abriu as portas do Seminário em 1949 e de lá saiu em 1955. Isso significa que não tive convívio e não conheci a maioria absoluta dos ex-seminaristas que escrevem artigos para o nosso boletim, que colaboram financeiramente ou mandam e-mails agradecendo os cumprimentos pela lembrança do aniversário, etc. etc. Mesmo assim, fico chateado quando a seção NA CASA DO PAI dá a notícia do falecimento de algum ex-aluno que eu não conheci. Na verdade, o Seminário criou uma estranha amizade entre desconhecidos e constituiu uma grande família de irmãos que, de mansinho, de mansinho, vão morar na Casa do Pai.

Certa ocasião, o mexicano Otávio Paz - Prêmio Nobel de Literatura em 1991 - disse: “*A morte, sempre esperada, é sempre inesperada*”. Eu acrescentaria: pra quem vai e pra quem fica.

Em menos de dois anos, a Família do Ibaté perdeu dois colegas: o Gilberto, em julho de 2009, e o Claudino, em março de 2010. Não os conheci no Seminário. O Beta - este o seu apelido - entrou em 1957; o Claudino, em 1959. Todavia, mesmo fora do Seminário, fomos criando fortes laços de amizade, porque ambos sempre participaram dos nossos eventos, das missas em comum, dos programas esportivos e passeios. Ambos, inclusive, faziam parte do coral do Isaias, o nosso Coral do Ibaté; Gilberto com sua voz tonitruante, Claudino, com seu inseparável violão. Alegres, brincalhões, bem-humorados, dois bem-sucedidos amigos nossos. A presença deles no nosso meio espancava qualquer tristeza e alimentava a certeza de que o nosso movimento estava no caminho certo, que sempre foi unir cada vez mais os ex-alunos, suas esposas e familiares. Figuras excepcionais, enfim.

Dia destes fiquei a imaginar essas duas figuras encontrando-se na Casa do Pai, entabulando entre si, surpresos, o seguinte diálogo:



Gilberto

Gilberto - Ué, Claudino, você por aqui?

Claudino - Fazê o quê! Num tinha remédio...

Gilberto - Como assim?

Claudino - Pois, é; você vê, chegou a minha vez.

Gilberto - Ainda bem. Você chegou em boa hora. Eu já tava com saudades do nosso papo, dos nossos ensaios, das nossas atrapalhadas, dos encontros do Ibaté...

Claudino - Humm... humm...

Gilberto - Você trouxe o seu violão?

Claudino - Claro; foi sempre o meu companheiro, principalmente nas minhas horas de solidão...

Gilberto - Ainda bem, porque eu já tô cansado de escutar os anjinhos com suas harpas e trombetas tocando languidamente sempre a mesma coisa: “kyrie eleison”, “tantum ergo”, “gloria in excelsis...”, tudo em gregoriano, ou então, umas

musiquinhas do Pe. Marcelo. Muito chato pro meu gosto.

Claudino - E num tá bão?

Gilberto - Tá bom, nada. Eu peço pra cantar o “*và pensiero*”, e eles não conhecem; peço o “*sub tuum praesidium*”, e nada! Peço o hino deles...

Claudino - ...hino deles?

Gilberto - É: o “*panis angelicus*”, o pão deles. Não é o canto deles? Também ignoram. Tudo muito monótono. Por falar nisso, e o Isaias? Você tem notícias do nosso coral? Aqui não chega o ex-nosso *Echus do Ibaté*.



Vale a pena ler de novo...

Cláudio - Ele está bem. No encontro de São Roque de agosto do ano passado, a missa que ele ensaiou ficou muito bonita. Você precisava estar lá pra ver.

Gilberto - Uma pena. Foi o único encontro em que não fui. Bem que ele poderia ensaiar aqui a nossa festa de Finados...

Claudino - ...festa de Finados?

Gilberto - É, aqui no Céu, Finados é só alegria; na Terra é só tristeza e choradeira nos cemitérios.

Claudino - Cadê o Pe. Constantino? Pe. Bosco? Pe. Ruy? Pe. Kulay? Pe. Tarcísio?

Gilberto - Pe. Bosco, sempre querendo enquadrar-me na disciplina; Pe. Kulay, insistindo pra gente cheirar a poluição do Planeta pelo buraco na camada de ozônio; Pe. Ruy ainda não sarou da adenóide; Pe. Tarcísio acha que aqui deveria haver uma academia de ginástica como na antiga Grécia...

Claudino - Mas, e o Pe. Constantino?

Gilberto - A última vez que o vi, estava conversando com Nossa Senhora...

Claudino - ...a Padroeira do Seminário?

Gilberto - É, Padroeira e Advogada nossa. Eu escutei ela dizer pro Pe. Constantino que, no Juízo Final, se algum ex-aluno do Ibaté for condenado, ela irá entrar com recurso!

Claudino - (suspirando aliviado) Vou dar um jeito de avisar nossa turma lá de baixo!

Gilberto - Vamos, Claudino. Vou te mostrar os teus aposentos celestiais.



Claudino

Pano rápido

Referindo-se a mim, Gilberto sempre dizia: “*Attilio, você não presta!*”. Se ele lesse este artigo, com certeza iria falar: “*Eu tinha razão. Acertei em cheio!*”. É Verdade.

(*) **Attilio Brunacci (49/55) – Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: “Grazie Tante”, autobiografia, “São Paulo na Frente pelo Trabalho” e “Cetesb: 25 anos”. Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. busfe@hotmail.com**

Ibaté Junior



Ah! Tu, livro despretensioso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou e, sem figuras, sem

extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.

Cecília Meirelles



Na Casa do Pai

Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.



Pois é, amigos, o **TOMAZ DE AQUINO TOLEDO** (59/62) nos deixou. Foi para a *Casa do Pai* muito precocemente, aos 76 anos de idade, agora no dia 18.04.2022. Ele, que cuidava tão bem de sua alimentação, tinha uma invejável compleição física, praticava esportes - em nossos encontros futebolísticos era um dos artilheiros - mesmo assim, e tendo a sua disposição uma Medicina bastante avançada, não pôde vencer um mal, considerado hereditário, que estrangulou o seu pâncreas e o arrancou de nosso convívio. Quando se fala em pâncreas, logo fazemos associação com o álcool, mas ele não era borracho como tantos de nós; não bebia nada! Quando muito uma taça solenizada de champanhe, nos momentos especiais em que se apresentava aos amigos, como exímio pianista, dando magníficos shows. Muitos de nós nos lembramos que durante anos foi organista da Capela do Ibaté. Esse mundo perde, portanto, um grande pianista e também um

filósofo: formou-se na Alemanha e tornou-se professor. Entusiasta por polêmicas, era admirador, praticante e profundo conhecedor da Bioenergética de Wilhelm Reich e sua energia cósmica primordial, o orgônio, conforme tantas vezes apregoou em sua vida. Agradecemos a Deus por sua rica existência e que sejam confortados sua esposa Cláudia, seu filho Felipe, seus sogros, seu irmão Geraldo Luciano Toledo, também ibateano, outros familiares e todos nós que o amamos. *Você viverá sempre entre nós, querido Tomaz. (Morava em São Paulo-SP)*

- Minhas sinceras condolências à Família deste grande e prezado amigo, com quem convivi por alguns anos, Tomaz. Uma das maiores amizades que pude usufruir em São Roque. Toledinho, descanse em paz e rogue por todos nós. *Oscar de Carvalho, 59/61.*

- Muita tristeza! Fomos colegas, eu, ele e seu irmão, Geraldo Luciano, que também é do Seminário de Aparecida-SP em 1955. Já orei por ele na Liturgia das Horas e colocarei seu nome sobre o altar, na Santa Missa das 19 horas. *Pe. Getúlio Vieira, 58/61.*

- Lembro-me do Tomaz. Foi meu contemporâneo, colega do 2º ginásio em 1960. Gostava muito de jogar futebol. Na sala de estudos, sentava-se sempre lá no fundo. Sua imagem, ainda a mantenho viva em minha mente. Infelizmente não cheguei a encontrá-lo nas reuniões atuais do Ibaté. Certa vez no Echus, publicou-se uma de suas frases: "Cessem os ecos e surjam as vozes". Com pesar recebo essa notícia. Pela idade, ele poderia viver bem mais. *João Ramalho, 60/62.*



"Cesse tudo quanto antiga musa canta... ", como dizia Luiz Vaz de Camões, logo no início de seu *Os Lusíadas*. E foi desse mesmo modo que o amigo ibateano **CELSO BISSOLI**, 49/51, nos deixou, bem agora no dia 14 de abril, abandonando seus planos, rendendo-se, enfim, permitindo-se dar atenção ao chamado do Pai. De fato, ele não queria que fosse assim, por isso procrastinou o máximo que pôde: sentia que sua missão, embora aos 88 anos, não havia sido completamente cumprida. Por própria aspiração, permaneceria por aqui, entre nós, na sua Pirituba, em São Paulo, pelo tempo que fosse necessário, sempre ao lado de seu amado filho, o Bissolinho Jr. Nós todos assistíamos, de "queixo caído", à demonstração constante de seu amor, e a grandeza de sua afeição e zelo. Júnior era o seu tudo. O recurso utilizado pelo Senhor foi pegá-lo de surpresa, dormindo, quando não mais poderia oferecer resistência. E ele voou direto para o Céu! De lá,

em companhia de tantos ibateanos (era um dos pioneiros de São Roque) e também de amigos vários do Seminário de Pirapora, onde matriculou-se em 1946, ele ganhou um pouco de tranquilidade, pois o moço passaria a ser cuidado por sua também muito amada filha, Suely, sobre quem sempre depositou muita confiança. Agora ele está em paz.

A nação ibateana sente demais essa ausência e se compadece por sua família e amigos. Mas também infinitamente se orgulha por ter tido em suas fileiras uma pessoa tão virtuosa como o Celso, e aqui expressa seu desejo de que tenha mais gente assim neste nosso mundo, que precisa melhorar muito.

Que esses nossos colegas e entes queridos, hoje no resplendor dos santos, recebam de nós preces e não prantos, pois contamos com sua intercessão, para um dia, em sua companhia, bendizermos a Deus pela ventura, sobretudo, da abençoada adolescência e juventude que juntos desfrutamos.

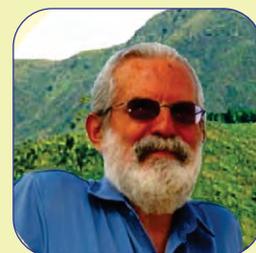


Na Casa do Pai



Pensamos que não advenha qualquer dificuldade para o amigo ibateano José Lui em manter-se no pódio do *Echus do Ibaté* com sua coluna "Casos Edificantes", a preferida por todos. Soubemos que algo triste aconteceu no dia 07.06.2021: perdemos seu fã número um, seu fã incondicional, o ibateano **MANUEL FÉLIX PEDRÃO LOPES**, que nos deixou aos seus 77 anos muito bem vividos. Espírito desenvolvido que pôde estender seus domínios psicológicos morais e espirituais a todo contato humano. Um homem bom; só procurava fazer o bem para tantas pessoas, muito querido diretor por anos seguidos das *Casas André Luiz*. Contam as pessoas que era um entusiasta que orgulhosamente divulgava as histórias de José Lui para todas as pessoas de seu meio, familiares e amigos inúmeros, espelho de seu eterno vínculo com o Ibaté. Por questões pulmonares, partiu precocemente para a Casa do Pai, esse nosso colega da turma de 1960. Morava em São Paulo com sua querida e doce irmã, Dona Nazaré, ambos sem filhos, e de origem portuguesa. A *Turma do Ibaté* expressa suas condolências a todos seus amigos e familiares pela dor provocada com a perda desse homem de fé, que combateu o bom combate.

Ó CINZAS DO CORAZZA! ("Vita mutatur, non tollitur")



Letterio Santoro*



Leves cinzas dos restos do Corazza,
esparzidas ao léu pelo jardim
do antigo Seminário do Ibaté,
sob a vista do monte Sabóó,

descansai, leves cinzas, descansai!
À sombra dessas árvores da infância,
em meio às ilusões da adolescência,
descansai no silêncio e na esperança!

Toda a vida afinal não se reduz,
apesar das grandezas aparentes,
a um punhado de cinza neste mundo?

E voltastes, ó cinzas do Corazza,
ao seio da Mãe-Terra humildemente
no aguardo da ressurreição da Vida!

LETTERIO SANTORO, 82, (Tibúrcio) 55/59 – Natural de Fuscaldo Conzenza, Italia, é pedagogo, professor, escritor e poeta. - Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça) - 14-3471.1934 - letterios@hotmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

Amigo, se a vida é um drama
que usa de palco o universo,
sou o palhaço na trama,
num circo-sem-lona imerso!

Antonio Jurandy Amadi, 51-57

Na alegria e na dor,
eu jurei te querer bem.

Sei que estás a meu dispor
e me amas, assim, também.

Meu amigo, sou poeta,
faça frio, faça calor...
Amo os dois e minha meta
sempre é o belo, sempre o amor!

O chefe que fez oitenta
e há de viver muito mais,
boa saúde ostenta
e é estimado demais.

Alfredo Barbieri, 49/53

Do destino da fogueira,
bem diferente é a sorte,
de toda luz altaneira,
só resta a cinza da morte.

Joel Hireinaldo Barbieri, 51/58

Sobe o balão, vai ao léu,
alegria e emoção,
mas quando desce do céu,
só tristeza e destruição.
entre nós, nada é em vão!

Já no inverno a noite é fria,
no verão, muito calor.
O que mais me arrepiava
é a paixão do seu amor.

Alberto Pimenta de Oliveira, Pipinudo, 53/58

Gira mundo, mundo gira.
Ibaté também girou.
Do meu peito ninguém tira
a saudade que ficou.
entre nós, nada é em vão!

Quem ama parece louco,
leva uma vida enganosa,
é como eu, que inda há pouco,
disse - bom dia! a uma rosa.

Martins Fontes - Magnífico Coadjutor Convidado

Não hás de contar invernos,
só primaveras, querida,
se em mil canteiros eternos,
plantares flores na vida.

Jaime Pina da Silveira - Padres Pavonianos

E eis que chega o fim do outono.
Do inverno, o rigor se espera.
Por que o temor? - me questiono -
se há de vir a primavera?
entre nós, nada é em vão!

Cobra a vida o preço justo
por nossos erros fatais:
ser feliz a qualquer custo
é sempre caro demais!

Campos Sales - Magnífico Coadjutor Convidado



Envie-nos também a sua trova!

Para-choque do Caminhão do Ibaté

TUDO O QUE É BOM NA VIDA
OU FAZ MAL OU É PECADO.



PHOTANTIQUA

Olim in MCMXLIX*



Acervo de Luiz Furlanetto, 1949



Em pé: 01.Pe. Antônio Expedito de Barros Marcondes - 02. Antônio Mariano Gomide Ribeiro - 03. José Luiz Mariano Gomide Ribeiro - 04 - ? - 05 - ? - 06 - ? - 07 - ? - 08. Francisco Fierro - 09. Oliveira Leite Gonçalves - 10 - ? - 11. Mário Polesi - 12. Luiz Dufner Neto - 13. Hamilton José Bianchi - 14 - ? - 15 - ? - 16 - ? - 17. Pe. Luiz Gonzaga de Mello Camargo - 18. Antônio Carlos Barra - 19. Asdrúbal Ângelo Baruffaldi - 20 - ? - 21 - ? - 22 - ? -
Agachados: 23. Oswaldo Giuntini - 24. Nélon Esteves Sampaio - 25. Marcos Tarciso Mazzetto - 26 - ? - 27 - ? - 28 - ? - 29. João Armando Fornazieri - 30. Pe. Constantino Amstalden

* Era uma vez em Latim

Photodiarna

DAÍ NINGUÉM SAIU PADRE...
(um juiz, um contador, um engenheiro, um matemático e um advogado)



Um dia de alegria na Chácara do casal Rovirso & Oksana
20.05.2017

Rovirso Aparecido Boldo (64/69),
José Ricardo Falcão (64/67),
Gilberto Gomes (62/66),
Antônio José de Almeida (63/66)
e Luiz Roberto Soares[Araçá]
(64/69)

CADÊ VOCÊ?



Irineu Xavier Cotrim*

- Estou agachado me escondendo no silêncio do escuro.
- O que está acontecendo?
- Não sei. É que quando a esperança se esvai, o medo reaparece com toda volúpia.

Nada sei do que pensava saber, vou sair daqui, vou lá fora procurar algum consolo, mas consolo não há. Só a cachaça para me embriagar e assim por algum tempo me engano!

O que existe é o vazio imenso da solidão: não há ninguém que queira me ouvir, os ouvidos estão surdos! Quero falar, mas parece que todos estão ocupados visualizando imagens e digitando o vazio dos surdos.

Os homens e as mulheres são de tal forma diferentes em suas manifestações nervosas, mas estão também sendo condicionadas a acreditar no nada. Creia ou não creia, o mundo tá estabonado. Não entendeu? Então só o estudo e a leitura para explicar esse emaranhado de incógnitas.

Não me perguntes! Por esses meios eletrônicos não dá para dialogar, há muita informação e as pessoas se acham com o conhecimento. E para explicar, precisa se aprofundar na realidade, o que já é quase uma loucura na insanidade.

Uma das coisas que mais angustia é o conformismo das pessoas condicionadas a pensar de acordo com os valores mancomunados ao sistema, muitas falam contra o comunismo, sem ao menos nunca ter lido Marx; ficam bacorejando sem usar o cérebro para aprender a pensar e raciocinar nos verdadeiros valores humanos, na busca do Amor e descartar o ódio. E nem sabem que tanto o comunismo quanto o cristianismo são utopias que precisam ser buscadas sempre, porque



sem utopias a vida não tem graça.

A gente tem que ter um amigo e/ou uma amiga a quem se apegar quando o chão está escorregando e a gente caindo. O livro às vezes se faz presente como um baluarte e a leitura é uma porta mágica para soltar os estereótipos guardados.

* IRINEU XAVIER COTRIM, 1965, 71 - É professor em São Paulo. 11-99715.4579 - irineuxc@gmail.com

NÃO DEIXE O NOSSO ECHUS DO IBATÉ MORRER !

É de conhecimento público que o *Echus* vive de doações e trabalho voluntário. Ele existe, simplesmente porque seus leitores o adoram não perdem dele uma só leitura... queixam-se quando ele se atrasa e gostariam muito de que ele fosse editado não de dois em dois meses, mas mensalmente, pelo menos. Além disso, esse jornal é o fator de unidade da gloriosa *Turma do Ibaté*, pois ele promove e alimenta boas expectativas de convívio e amizade e é carregado de muitos significados para o coração e para a vida de todos os seus membros. Vive tu, *Echus do Ibaté*, para o consolo dos homens!

E como fazê-lo?

Não é nada difícil: com valores pequenos, valores médios, valores altos. Faça doações! Sem elas, nada feito, e o *Echus* não sobreviverá. Seu diagnóstico atual é bastante sofrível, deveras. E o prognóstico, nem falar...pelo andar dessa carruagem, ele não conseguirá nem mesmo se aproximar do Saboó, pois suas pernas estão muito fracas. A subida desse sagrado morro

encontra-se quase rente ao universo das impossibilidades. E sempre lá, do alto dessa montanha, que costumamos anunciar e convidar a todos para que participem de nossos também sagrados *Encontros Bi-anuais*, que, ali já se aproximam... observe que em breve será iniciada a tradicional contagem regressiva. Será que conseguiremos?? Sim, continue com as doações, não pare, não. No entanto, temos uma sugestão, sobretudo para aqueles que sentem o desejo de colaborar, mas que têm dificuldade em colocar isso em ação: autorize seu banco, pessoalmente ou pela Internet a realizar um débito automático de sua conta pessoal e creditar esse valor na conta do *Echus do Ibaté*. Faça com que isso ocorra mensalmente, e que o valor lhe seja acessível. Decida o *quousque tandem* ou siga o exemplo de alguns colegas, aplicando por *sine die*. Dessa forma, seu desejo de contribuir será atendido, você não se sentirá em falta e esse instrumento que poderá ressuscitar e continuar cumprindo sua função de alegrar todos nós. Experimente! Aceite nossas sugestões. Todos ficarão satisfeitos e não mais seremos afogados por esse sentimento de abandono e ameaças constantes de morte.

Eis os dados bancários:

Banco Bradesco (237), Ag. 3191, Conta corrente 14399-5, Em nome de Carlos Domingues Cosso, CPF 024.626.218-49



Somos gratos!

SÃO PAULO MINHA DOR

José Édson Soares da Cruz*



Mais um ano nesta cidade. Envelheço sem pudor. Cheguei aqui em 1960, salvo engano materno. São Paulo dói como uma fotografia na parede do tempo. O que já foi um paraíso longe do mar é agora um perdido paraíso que me afastou do mar, de Ilhéus. Estou assim, assim, meio melancólico, porque olho para um livro de imagens em sépia. Edição belíssima: *São Paulo de Piratininga: de pouso de tropas a metrópole*.

É para folheá-lo com uma música bem nostálgica tocando ao fundo, do tipo *Lampião de gás* ou alguma outra que nos remeta ao nosso passado colonial. Um passado que ficou preso nas margens de um rio da memória que não se chamava *Lethos* e sim, *Piratininga*. Era esse o nome do rio em torno do qual São Paulo foi idealizada e “concretizada”. Hoje em dia, efetivamente, concreto e quase nada de ideal.

O rio que nutriu o centro histórico de São Paulo significava peixe que, depois de um transbordamento, ficava preso em suas margens secando ao sol. Essa carne tostado ao sol atraía as formigas que por sua vez, acreditem, atraíam os tamanduás. O fato é que o rio passou a se chamar Tamanduateí e com esse belo nome indígena vazou na infância e na história de muita gente ainda viva por aí.

Esse era o rio que passava na minha segunda aldeia. Dos seis anos até os quinze, morei em torno dele no bairro da Ponte Pequena e ele já não transbordava peixes e sim lama e outros manjares para nossos companheiros pequenos, que um dia descobri maravilhado poder chamá-los de **hístricomorfos com pilosidade rija**, e não ratos como eram vulgarmente chamados.

É curioso como a magia de uma foto, às vezes até mais do que um texto, pode nos tirar da correnteza do esquecimento que constantemente estamos imersos, e nos revelar lampejos de uma verdade, que embora pessoal, carrega todo o significado semântico que a palavra grega *alétheia* tão bem designa.

A verdade de nossa querida cidade está toda nas fotos desse livro. Dói ver o que ela foi e, mais ainda, intuir o que ela poderia ter sido.

Ontem os bois que passeavam pelo Largo São Francisco e seu entorno eram reais, boiada passando, olhada com curiosidade, e não metáfora de um amontoado de pessoas que caminham sem direção.

As fotos que geraram em mim uma saudade atemporal foram encontradas num pacote do Centro de Documentação e Informação do jornal Estadão. A maior parte delas foram tiradas pelo fotógrafo ítalo-brasileiro *Aurélio Becherini* e retratam a transição de uma simplória cidade colonial para uma metrópole que todos viemos a conhecer.

Aquela avenida de carros e semáforos, atropelamentos e quartéis. A fronteira que precisava atravessar até o lado rico no Bom Retiro. Aquele monte de bares e prostitutas no caminho até a igreja São Cristóvão. Tudo está lá em estado latente de não-acontecimento.

Ao folhear o livro descubro-me mais paulista do que gostaria de admitir. Como esquecer aquele trajeto de casa até a escola primária no Jardim da Luz? Aquele convento misterioso no meio do caminho onde minha mãe contava haver freiras enclausuradas que não viam a luz do sol nem o movimento insano dos automóveis? Ele já era daquele jeitinho em 1875.

Descubro no livro que o lugar aonde ia ver os peixinhos, escapulindo das aulas, o lugar onde passava domingos felizes e ensolarados com minha mãe, correndo entre as árvores, foi de certa forma o começo desta terra imensa chamada São Paulo. Era por lá que vivia o cacique Tibiriçá, na aldeia dos Tupiniquins. O bairro da Luz. O bairro que iluminou minha segunda infância, nesta cidade que me acolheu trazendo-me de novo à luz.

As primeiras descobertas fora dos limites de meu bairro. Os cinemas e seus filmes de Kung-Fu na avenida São João. Aquele palácio que chamavam de teatro em frente ao Mappin. Tudo isso me amarela. Cria fungos no peito.

Não sei por que, mas este livro, estas fotos, esta cidade, deixam a gente comovido como o diabo. Parabéns, São Paulo! Aniversariamos no mesmo mês. Eu cada vez fico mais choroso e saudosos. E você cada vez mais nos faz chorar com seu gigantismo, suas diferenças insuportáveis e seu magnetismo irresistível.

texto criado em 20.01.2014

* JOSÉ ÉDSON SOARES DA CRUZ, 63 (72/73), de Ilhéus-Ba, vive em São Paulo há uma eternidade, é músico, poeta, editor, revisor, cibercultor, professor de criação literária e escritor. Dentre vários livros, é autor de *Sortilégio, O que é poesia?*, *Mahâbhârata*, *Sambaqui* e *O canto verde das maritacas*. sonartes@gmail.com (11) 96292-2981



CASO EDIFICANTE NÃO TENHO NADA



José Lui *

O homem apaixonado é mesmo um besta!

No auge da paixão, certo dia se declarou para a sua namoradina...

E ainda, por ser tão pobrezinho e não ter condições para coisa alguma, deu-lhe um abraço e falou:

- Meu amor, fique você sabendo que eu não tenho nem dinheiro, eu não tenho carro, eu não tenho mansão, eu não tenho apartamento na praia e também não tenho tantas empresas como meu amigo Carlos Eduardo tem, mas eu sinto um grande amor por você, eu te amo demais da conta.

Ouvindo isso muito emocionada, a amada namoradina se desfez na hora em lágrimas de tanta emoção. Apertou-o forte em seu peito num grande e carinhoso abraço. E de mansinho, chegou em seu ouvidinho e lhe disse:

- Meu amor, se é verdade que você me ama de paixão, me passe o telefone desse seu amigo Carlos Eduardo!!!! 177



José Lui, 85, 49/56, filósofo, teólogo e pé-de-valsas, mora em S.Paulo-SP. rubrolui@gmail.com



**Pfum, fum, fum, já vejo o trem...
Estrebucha em seu vapor...
Com fumaça em seu labor,
num esforço apita e vem.**

Antonio Jurandyr Amadi, 51/57

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 15.06.2022

POSIÇÃO EM 14.02.2022	20.078,35
ENTRADAS	
Contribuições e doações	2.773,00
Juros	332,34
TOTAL ENTRADAS	3.105,34
SÁIDAS	
Diagramação Echus 176	500,00
Despesas Correios	57,40
Coroa de Flores Orzari	300,00
Despesas Bancárias	189,05
TOTAL SÁIDAS	1.046,45
SALDO ATUAL 15.06.2022	22.137,24
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

Agradecimentos



A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 14.03.2022 a 15.06.2022, dos seguintes colegas: Antonio Carlos Freitas, Attilio Brunacci, Carlos Domingues Cosso, Herminio Bernasconi, José Fernandes da Silva, José Lui, José Paulo Bruna, Luiz Pedro Araujo, Luiz Roberto Soares, Pe.Nasser Kehdy Netto, Roberto Lui, Vicente de Paulo Moraes, Vladimir Merlo Garcia, e Wilson Cândido Cruz. Sempre que for feito algum depósito, enviemos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é uma publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira, Alessandra Barbieri, Alfredo Barbieri, Ana Carolina Toschi, Antonio Carlos de Freitas, Antonio Corrêa, Antonio Jurandyr Amadi, Arnaldo Maia, Attilio Brunacci, Domingos Sávio Amstalden, Edson Cruz, Cônego Getúlio Vieira, Gilberto Gonzaga Pereira, Gislene Carvalho, Irineu Xavier Cotrim, Italo Maioli, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira, Joel Hirenaldo Barbieri, Jones Nadir Gama, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Henrique Germano, José Lui, Letterio Santoro, Marcia da Silva Germano, Pedro Anibal Drago, Regiane Baroni, Rovirso Aparecido Boldo, Silvana Corazza Leal, Suzana Barelly, Tito Marcondes Junior e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros do seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49), por meio da conta bancária no Bradesco (237), Ag.3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envio-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antônio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto 34 - CEP 01258-010 - São Paulo - SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:
e-mail: echusdoibate@gmail.com
Página do Facebook: Ibateanos S Roque
Echus do Ibaté nas Nuvens: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate/>

Diagramação:
Juliana Messias - julmessias@gmail.com